



Lara Iavelberg

Número 12

BOCA

9 de Junho de 2005

Instituto de Psicologia - USP

ESPECIAL: HISTÓRIA

SEÇÃO

NOVA
NOVA
NOVA

ESTE É UM ESPAÇO ABERTO ÀS BESTEIRAS, INGENUIDADES, BURRICES E OUTRAS COISAS MAIS.
A PRIVACIDADE DO DELATOR (LEIA-SE COLABORADOR) É GARANTIDA.



MAIO 88 - Nº 5

Editorial

Por que escrever no BOCA?

A pouco tempo estou no Instituto e devo confessar, não tenho grande experiência de vida acadêmica ("cursei" um semestre em outra faculdade). Mas, vendo no tando há algum tempo que nós alunos, se conseguirmos nos unir poderemos ter algo em nosso favor: força.

O BOCA por ser o boletim do C.A. é, portanto, um dos meios pelo qual podemos expor nossas idéias, lamentações, broncas e tudo mais que achemos pertinente à comunicação dentro do Instituto. Escrevam, façam o IPUSP saber o que pensam, vamos sacudir isto aqui e mostrar que nós alunos somos tão capazes como qualquer órgão, departamento ou utilidade aqui dentro.

ABRA BOCA

ABRA BOCA

ABRA BOCA

ABRA BOCA

ABRA BOCA

REGRAS DA PSICO

- Fale de sexo. Nunca faça-o.
- As cabras fracas ficam para trás.
- É importante formar grupos.
- ISSO PRA MIM É COISA DE VIADO

Sobre o BOCA

O BOCA foi uma das aspirações dos projetos que nós alunos quisemos conseguir para ganhar corpo e se transformar no primeiro espaço escrito de manifestação dos alunos que este Instituto já possui.

Logo, deve considerarmos o BOCA um produto já usado e definitivo que não necessita de aperfeiçoamento, a nossa publicação de abrangência muito próxima da proposta original do BOCA se formar um JCA (Jornal do Centro Acadêmico) elaborado pela própria comunidade de estudantes do Instituto, com o C.A. apenas se encarregando de fornecer a infra-estrutura necessária para a publicação.

Espero sinceramente que o BOCA tenha vida longa ajudando na melhoria e integração do aluno no Instituto.

JORNAL da A.U.E.P.

ABRIL de 75

Se observarmos os outros setores sociais, veremos que existe também um descontentamento generalizado, expresso amplamente nas eleições de 15/11, com a vitória da oposição. O objetivo do governo é canalizar esse descontentamento numa tentativa de preservar a situação vigente. E cremos que então é mais do que nunca, o momento de nos organizarmos independentemente, o que para nós, estudantes, significa manter e fortalecer nossas entidades livres.

Esse jornal, apesar de estar com algum tempo de atraso, tenta sistematizar os últimos acontecimentos estudantis aqui na USP e colocar diferentes opiniões sobre os problemas apresentados. É uma tentativa de debate de nossa situação através de um instrumento da AUEP.

Convidamos todos os interessados em veicular suas idéias ou novas informações, a procurar a diretoria do C.A. e trazer suas contribuições, que

Lembranças da Iara

- Ata da Reunião do dia 07/06/05

Segunda exibição do CINEPSI: quarta-feira, dia 08/05/05 acontecerá na sala aurora às 14h a segunda projeção de filme do projeto CINEPSI. O CAII fornecerá novamente o apoio financeiro como foi feito da vez anterior. Foi trazido o problema das exibições estarem acontecendo para além do horário de trabalho dos funcionários envolvidos na projeção. Foi levantada a possibilidade de se pagar algo a mais para que os funcionários possam permanecer até o final do evento ou procurar conversar com a diretoria de modo a encontrarmos outra solução.

Carta da Congregação: discutiu-se sobre a Carta enviada pela Congregação onde o CAII era informado da sugestão de suspensão da publicação do BOCA até que fosse apresentada as normas editoriais para a publicação no boletim. Decidiu-se responder a Carta da Congregação, tendo como conteúdo o posicionamento tirado na discussão da reunião passada do CAII - onde optamos por continuar as publicações, enquanto a discussão sobre a "Função do BOCA"

está sendo aprofundada e será ampliada no dia 20/06/05.

Projeto do Escritório Piloto: o pessoal do escritório piloto da POLI está pensando em fazer ações conjuntas com movimentos do centro de São Paulo. Existe a idéia de se fazer debates nas faculdades que tenham ou que tiveram projetos no centro. Projetos serão levados para o ENEIA. Foi sugerido que fosse escrito um projeto (como os afixados no mural do CAII) informando o que seria esperado da diretoria do CAII. Alguns alunos presentes na reunião comentaram dos alunos e professores do IP envolvidos, ou que já se envolveram, neste tema.

Organização para a Discussão do dia 20/06: foi sugerido que existisse um ou dois momentos anteriores ao dia 20 onde os estudantes poderiam aprofundar as discussões acerca da Função do BOCA. Devido ao adiantado da hora foi solicitado aos presentes/interessados que retornassem na sexta-feira (10/05) às 12:30 na reunião operacional do CAII para que a organiza-

ção das discussões possa ser feita. A última proposta foi para realizarmos uma discussão onde a CO do BOCA estaria presente para esclarecimentos dos maus entendidos, boatos e inverdades que possam ainda existir; bem como contar com a presença de alguém da Mídia Independente e alguém para falar sobre Arte-Pornografia (entendendo que estas discussões poderiam ajudar na discussão maior sobre a Função do BOCA). DESTA FORMA, OS INTERESSADOS EM COLABORAR NA ORGANIZAÇÃO DAS DISCUSSÕES ANTES DO DIA 20, BEM COMO A DO DIA 20, COMPAREÇAM NO CAII ÀS 12:30 DESTA SEXTA-FEIRA.

CCA's: DCE/Livre da USP encaminha carta informando que neste sábado - 11/05 - acontecerá o CCA's em Piracicaba. Haverá ônibus saindo do campus Butantã para os interessados e pede-se aos CA's que colaborem ao menos com R\$20,00. A pauta que será discutida no CCA não foi levantada durante a reunião. Mas havendo interessados, pedimos que apareçam na reunião operacional desta sexta-feira para conversarmos sobre a possibilidade de alguém do IP comparecer e trazer os informes da discussão.

Esclarecimentos da listadora do mês de maio à comunidade:

Por conta de todos os acontecimentos, em virtude das cotas de xérox e papel e pela quantidade de colaborações recebidas, visando darmos voz a todos os que estão dispostos a falar, votamos por não publicarmos textos que excedam os 5000 caracteres, segundo regras há muito existentes no BOCA (este é um de nossos critérios para a publicação, e está divulgado em todas as edições do boletim). Todos os colaboradores foram previamente avisados, e foi pedido com uma antecedência de 2 semanas (em virtude do BOCA especial BIXOS) para que os autores pudessem editar suas criações a fim de que elas fossem publicadas. Agradecemos às pessoas que colaboraram gentilmente com este nosso pedido!

Uma outra norma vigente na CO, também há muito tempo, é que um texto só poderia ser reenviado após um ano de seu primeiro envio. Pedimos a colaboração de todos... e nos desculpamos por quaisquer transtornos.

Abraços, *Dailza (04)*

COMISSÃO ORGANIZADORA DO BOCA

Bruno Aquino (05), Dailza Pineda (04), Guilherme Valente (04), Janaina Klinko (05), João Bosco (05), Jonas Boni (02), Karina Schmidt (04), Leandro Salebian (05) e Patrícia Ferreira Rabaça (03).

Diagramação: Jonas Boni (02)

Reprografia: José Carlos de Carvalho e Maria Betânia da C. Grangeiro.

O BOCA publica textos com autoria identificada, recebidos no boca@yahoogrupos.com.br até às 12h do domingo, como anexo da mensagem do seu encaminhamento e no formato MS-Word.doc, observando-se a ordem do recebimento e o limite máximo de 5000 caracteres (inclusive espaços) por texto, quando o número de páginas previsto para a edição impuser a necessidade desse limite. Há mais normas operacionais, tanto para o recebimento de colaboração, quanto para a sua edição, que serão informadas sempre que haja solicitação específica. A responsabilidade pelas opiniões e informações publicadas é inteiramente dos respectivos autores.

A C. O. do BOCA reúne-se toda terça-feira às 12h00min, à sombra do Ipê em frente da Biblioteca do IP. PARTICIPE!!!

Repensando o BOCA Daniilo 01

Retorrenemente o BOCA é considerado o principal veículo de comunicação aberto à comunidade do IP. Paradoxalmente, como foi afirmado em algumas discussões, o BOCA foi vítima de um boato, propagado fora de seus conteúdos com um poder de convencimento aparentemente maior que as matérias nele publicadas (vide a falsa idéia de pornografia, de desconsideração de princípios éticos, de mera repetição de jargões, controle autoritário das massas irrefletidas e dos bons alunos que estudam porém não se organizam para combatê-lo). Repensar o BOCA é, por um lado, repensar a onipotência que a ele por vezes é atribuída na construção das imagens públicas do IP em comparação, por exemplo, aos corredores e paredes; por outro lado é respeitá-lo enquanto um porta-voz de conteúdos da ordem do público, mas que entretanto insistem em ser tratados privadamente em nossa instituição.

Porque as coisas estouraram, assim, nesse momento? Talvez porque a famigerada frase tenha saído ao lado de um comunicado da diretoria. Possivelmente porque a 'nova' CO do BOCA estivesse dando conta do recado, apesar de pouco fundamentada e respaldada por normas pouco re-discutidas. Outra hipótese é a de que o boletim persistiu sofrendo várias críticas e este é um bom momento para uma reestruturação. As (des)razões para o questionamento, contudo, não serão o foco da contextualização que pretendo fazer aqui, minha idéia é discutir porque apoiei desde o início um BOCA-Livre.

O BOCA é um boletim de Centro Acadêmico, não é portanto, um jornal de profissionais. É um espaço de ensaio e experimentação, é por isso mesmo um espaço onde se pode cometer erros e provocar rupturas que demandam transições para a emergência de novidades na Instituição IP. Certamente há limites na dimensão das rupturas possíveis num dado momento histórico, limites estes marcados pela convivência em sociedade, regulados por códigos e leis que todos tem o dever de conhecer, cumprir e fa-

zer-se cumprir. Há, além disso, os limites éticos pautados na "reciprocidade, de relação intersubjetiva como coexistência e não-violência" (Chauí, M.).

Não se trata contudo, de reformular os critérios da CO, trata-se, antes de mais nada, de respeitar os sujeitos que constituem a comunidade IPUSP, tratando-os como cidadãos que tem consciência da responsabilidade implicada na publicação de um texto. É isso que a linha editorial do BOCA tem defendido e procurado realizar há vários anos, senão desde a sua fundação (conforme parece apontar os arquivos históricos do boletim): ser um espaço que permite a expressão dos estudantes do IP, no exercício da vida pública. Fazendo isso, a CO torna-se sujeita a entrar em contato com conteúdos inúteis, imprescindíveis e inesperados, dentre outros. Ela tem, adicionalmente, o dever de repudiar apologias às contravenções daqueles princípios éticos e legais.

Ao conseguir credibilidade enquanto um espaço de expressão e coexistência da pluralidade de opiniões entre os estudantes, contrário à violência imposta pelo silenciamento (explícito ou implícito), o BOCA foi capaz de expandir-se e tornar um serviço disponível à toda comunidade ipuspiana. Com isso, aumentou enormemente o número de páginas e de colaborações. Isso não implicou, necessariamente, em um aumento na qualidade dos conteúdos, mas a não seleção dos textos pareceu ser condição necessária para a manutenção e expansão do boletim. Essa manutenção e expansão, por sua vez, oportuniza a emergência de grandes debates, com importância significativa para a comunidade, tais quais reforma curricular, sofrimento dos estudantes, luta antimanicomial, anti-utilitarista e a que ocorre agora.

Minha opção por um BOCA-Livre está, portanto, assentada em algumas considerações. Em primeiro lugar, a sua produção é viável no sentido operacional: temos uma comissão capaz e motivada a produzi-lo, tem-se usado menos que o limite da cota de xerox; as

pessoas participam desse modo, que não é excessivamente burocrático. Depois, este modelo promove os valores da cidadania ao facilitar a participação e garantir a co-existência entre diferentes agentes sociais, sem pré-julgamento dos mesmos; ao tentar estabelecer na prática, igualdade do acesso e participação discursiva numa esfera pública que é a mídia. Adicionalmente, o BOCA promove uma mediação entre o indivíduo e as instâncias institucionais e sustenta a integração da diversidade em nossa comunidade política. Por esse ângulo o boletim parece cumprir sua função social.

Podemos tentar compreender, inclusive, quais fatores seriam determinantes para um aumento da qualidade do conteúdo do jornal. É importante ressaltar que o BOCA abarca a dimensão de textos bons, ruins e daqueles que estariam na fronteira entre esses dois grupos no olhar de um observador. A relação entre esses opostos valorativos é dinâmica e é graças à possibilidade de existência de âmbos (textos bons e ruins) que algumas das discussões podem ganhar importância no cenário institucional. Ademais, se se que aumentar o nível das discussões políticas no IP, não há outra maneira senão a partir do atual estado de coisas. É preciso compreender a atual disposição de nossa comunidade, seus desejos, angústias e ideais. E o BOCA está aí também para transformá-la.

No movimento de repensar o BOCA, próximo dia 20, espero que o potencial expressivo, transformador e polêmico desse boletim não seja anulado. Talvez a CO devesse mesmo ter um papel mais ativo no conteúdo do jornal, mas não restritivo. Eu sugeriria a elaboração semanal de um editorial e campanhas para a participação das organizações estudantis do IP, dos professores, funcionários e outras personalidades, incluindo entrevistas, mais edições especiais etc. Mesmo sem a certeza do caminho correto, importante é, conforme Marx, que agimos sobre o mundo, transformando-o, e não estamos passivos diante dos acontecimentos. Na concretude dessa ação, ainda que incerta e duvidosa, é que me parece poder ocorrer algum desenvolvimento no exercício político.

O BOCA como espelho do Movimento Es-

tudantil de Psicologia

Os mais velhos, muito se questionam para onde está indo o movimento estudantil (a partir de agora chamarei de ME). Atualmente ele é visto como com poucos participantes e se dedicando a pequenas questões. Ou seja, antes, milhares de pessoas nas ruas, lutando pela nossa liberdade, USP x Mackenzie na Maria Antônia. Agora, cada um na sua e ninguém mais se entende.

No evento de memória do movimento estudantil de Psicologia realizado no ano passado algumas informações foram resgatadas e possibilitaram alguma reflexão. A primeira delas é de que não eram tantas pessoas assim que participavam do movimento estudantil. Isso para mim foi bem chocante. Essas pessoas que participavam faziam parte de um grupo revolucionário de 3 pessoas ou eram dirigentes dos movimentos maiores e, portanto, davam as diretrizes para o povão, para a massa crítica universitária. Os participantes contam que nenhuma outra questão era debatida. Opressão da mulher? Coisa do capitalismo/ditadura. Opressão aos homossexuais? Coisa do capitalismo/ditadura. Ou então não eram temas para serem discutidos porque a liberdade/socialismo eram mais urgentes. Indo por esse caminho, a poesia, o Instituto de Psicologia, suspeito até, a gerência da cidade e do Estado eram temas que tinham que esperar.

Lembremos que nesse momento

histórico estavam juntos pelo fim da ditadura o que viria a ser posteriormente o PT, o PSDB, o PMDB, o PSTU, o PC, PBdoB, entre outros. Uma causa tão grande aglutinava pessoas das mais diversas. Com o fim da ditadura essas diferenças aparecem de forma mais explícita e o ME se fragmenta.

Começa-se então a se diminuir a abrangência das causas. Da liberdade no país para o currículo no Instituto de Psicologia da USP. Vejo alguns fatores decisivos influenciando essa mudança. Uma delas é a percepção de que grandes mudanças não causam, necessariamente, mudanças nos nossos cotidianos. O socialismo real era visto cada vez mais como não libertário. O fim da ditadura não teve como consequência direta o fim do tratamento autoritário/ditatorial de várias pessoas. Voltamos os olhos para as pequenas injustiças, as pequenas opressões, que acontecem, inclusive, no ME. Outro é que as grandes decisões passam cada vez menos pela opinião da grande maioria da população, é só pensar quantas pessoas acham que temos que gastar bilhões de dólares com a dívida do país. As grandes decisões nos escapam, atualmente. O mundo se complexificou.

Falam os mais velhos e estudiosos do ME que, antigamente, o BOCA refletia o ME e hoje não mais, pois teria se perdido em meio a poesias e contos e

Rubens (01)

desabafos de menor importância. Sendo aberto, se a participação de pessoas da chapa do CA ou da gestão dos Representantes Discentes não escreve no BOCA o questionamento é para eles e não para todos os outros que contribuem para o jornal. O BOCA é a tentativa de estender a palavra a todos, reconhecer diversos assuntos como importantes, tirar o reconhecimento somente dos que "são do CA", ou da chapa do CA. Esse é o ME que a chapa Outras Palavras tenta reconhecer, esse é o momento do ME como um todo, talvez. Os problemas se multiplicaram, os limites da atuação política antes claros estão diluídos. É relativa a importância dada a cada um desses problemas e é relativo se é justo como cada tema vêm sendo tratado. Essa visão está diretamente relacionada à tentativa de desburocratização e rompimento de estruturas altamente institucionalizadas.

Por que não discutir agora a opressão de gênero? Por que não discutir agora o currículo, a poesia, a balada, o BOCA? Todas essas discussões são extremamente políticas e estão ao nosso alcance. O que fazer com o jornal, como contratar um professor. Nossa vida pública como um todo deve ser refletida. Unir teoria e prática cotidiana nos exige bastante. Não é tão fácil assim agirmos de acordo com o que acreditamos e estamos o tempo todo sujeitos a deslizos.

Viúvas e órfãos de 68

No contexto de discussões sobre o BOCA, resolvi sistematizar questões que coloquei e fazer um certo *mea culpa*.

Na verdade, passei horas pensando no que escrever, fiz algumas versões pensando sobre o BOCA, seu papel hoje e em outras épocas, o que havia acontecido... Resolvi não ir por esse caminho. Vou falar apenas duas coisas:

A primeira é pedir desculpas por

um pré-julgamento que fiz. No doutorado, entrevisto militantes das décadas de 60 e 70. Mesmo sendo esse meu tema de estudo, raramente participo das discussões no CA, no BOCA, no NAC, no cursinho... Não que não ache suas lutas importantes e não acompanhe o que acontece. Só que minha perspectiva agora é outra, e quando você fala sobre uma conjuntura da qual está distante se arrisca a dizer besteira. Acho que fiz isso du-

Samir (pós)

rante algumas discussões recentes, sem saber o contexto que antecedeu a Congregação e a fala de Maria Helena Patto. Depois de algumas conversas e do último BOCA, entendi melhor a reação dos estudantes.

A segunda é reforçar algumas coisas que não podem ser esquecidas. Podemos nos comunicar de uma forma diferente, sem a forte tensão da semana passada. Entrevisto militantes de outras épocas, e preciso apostar na capacidade dos de hoje ouvirem os do passado.

(continuação)

Senão, é melhor abandonar minha pesquisa. Se queremos que os professores não nos tratem como crianças, devemos ser maduros e ouvir o que têm a nos dizer. Quando chamam a gente de infantil, de Bush ou ACM, a gente pode chamar quem nos ofendeu de “feio, bobo e chato”, e atirar bombas; pode também pensar um pouco, ver se não temos nada de Bush ou de ACM mesmo. Vai ver que temos. Melhor ver antes que piore...

Por que o BOCA parece, por vezes, sem critérios? Ora, vocês os expuseram, disseram que, *dependendo do contexto*, alguns textos são priorizados; disseram também que o caráter aberto é essencial, mas coisas ofensivas, pornográficas, ilegais podem sofrer restrições da CO. Vocês explicaram tudo, mas não satisfizeram seus críticos. Por quê?

Não são esses os critérios que faltam. Muitos militantes, especialmente os mais velhos, por vezes lêem o BOCA e se perguntam: O que pensam os estudantes enquanto grupo político? Que princípios trazem? E suas utopias? E o desejo de mudar o mundo que tínhamos? Eis o sentido de frases como “os estudantes estão perdidos, desorientados”, que soaram tão ofensivas, mas que são em parte verdadeiras. Vocês carecem

mesmo de utopias, como às vezes eu carecia durante a graduação.

Se eu fosse estudar o movimento estudantil do presente pelo BOCA, ia dar trabalho entender o que vocês consideravam realmente importante: qual é a desses caras? Recorri a alguns boletins para ver isso, e me deparei com textos sobre a reforma curricular preteridos em favor de poesias de qualidade duvidosa; vi edições nos tempos de greve que mal comentavam o assunto; vi divulgação de ENEPs bem reduzidas, nas últimas páginas, enquanto contos que divagavam sobre problemas existenciais bem particulares tomavam páginas e páginas... Fico imaginando hoje, em tempos de reforma universitária, o que está acontecendo.

Falei uma vez que o BOCA era a *cara política* de vocês. Alguns não gostaram. Mas uma publicação que chama Boletim do Centro Acadêmico será lida inevitavelmente como algo que diz respeito a uma entidade e a uma categoria. Caso contrário poderia chamar-se “Jornal aberto dos estudantes do IPUSP”, e teria o mesmo caráter do espaço “expressão do aluno”, no mural. Nada contra, mas são coisas diferentes. E é bom assumir uma *cara política*. É fundamental pensar nisso em tempos tão difíceis como os nossos, e pensaremos

melhor nisso se ouvirmos pessoas como Maria Helena Patto, Zeca, Marinês, entre outros.

Não quis aqui “dar a linha” do que fazer, cair no papel daquele militante dinossauro, estudante profissional que sai do limbo e vem trazer “a verdade” para os mais novos. Nem gosto muito de me intrometer no Movimento de hoje para não dar essa impressão. Não me preocuparei em responder possíveis críticas ou considerações suscitadas por este texto. Minha participação encerra aqui, e foi motivada por um sentimento de perplexidade difícil de segurar.

Cabe a vocês, militantes estudantis do presente, decidirem o que farão com o BOCA. Pretendi com esse texto enfatizar a necessidade de darmos atenção a vozes dissonantes, por mais duras que tenham sido. Atitudes defensivas como as tomadas na semana passada são as mais fáceis, e as mais autoritárias também. Nada pior que retribuir um suposto autoritarismo com outro, talvez pior. Daí a ênfase dos frankfurtianos na crítica como contraponto ao nazi-fascismo.

Se há, como afirmou um texto publicado antes, *viúvas de 68*, vamos ouvi-las. Suprimindo esse passado, perdemos uma herança orientadora para os impasses do presente: ficamos órfãos de 68.

Algumas considerações descartáveis acerca do BOCA *Leticia Carvalho (01)*

Antes de falar do BOCA, peço licença aos leitores para falar um pouquinho do movimento Instituinte. Esse movimento é composto por várias escolas e tendências, mas que possuem características em comum, sendo estas a auto-análise e a autogestão. “A auto-análise consiste em que as comunidades mesmas, como protagonistas de seus problemas, necessidades, interesses, desejos e demandas, possam enunciar, compreender, adquirir ou readquirir um pensamento e um vocabulário próprio que lhes permita saber acerca de sua vida, ou seja: não se trata de que alguém venha de fora

ou de cima para dizer-lhes quem são, o que podem, o que sabem, o que devem pedir e o que podem ou não conseguir”. (O MOVIMENTO INSTITUINTE, A AUTO-ANÁLISE E A AUTOGESTÃO, Gregório F. Baremlit). Este processo de auto-análise é simultâneo ao processo de auto-organização, em que a comunidade se organiza para construir os dispositivos necessários para produzir, ela mesma, recursos de que precisa para o seu melhoramento. Essa organização é consequência de um movimento paralelo com a compreensão dada pela auto-análise, ela não é feita de cima pra baixo, nem de

“O ato de resistência possui duas faces. Ele é humano e é também um ato artístico. Somente o ato de resistência resiste à morte, seja sob a forma de uma obra de arte, seja sob a forma de uma luta dos homens”

Gilles Deleuze

fora, mas elaborada com o coletivo interessado. “Essa auto-análise e essa autogestão não significam necessariamente que os coletivos devam prescindir por completo dos experts porque, sem dúvida, com sua disciplina e seus instrumentos, eles têm acumulada uma quantidade de saber importante e não inteiramente alienado, não necessariamente distorcido, ou seja: produtivo. Mas os experts devem submeter seu saber, suas glórias, seus métodos, suas técnicas, suas inserções sociais como profissionais a uma

(continuação)

profunda crítica que os faça separar, dentro dessas teorias, métodos e técnicas, dentro dos organismos aos quais pertencem, o que é produto de sua origem, de sua pertença ao bloco dominante das forças sociais e o que pode ser útil a uma auto-análise, a uma autogestão, da qual os segmentos dominados e explorados sejam protagonistas" (idem). Para poderem fazer essa crítica, Barembliit coloca que os experts não podem fazê-lo no seio de suas torres de marfim.

Feitas essas considerações, não posso deixar de me colocar em relação aos acontecimentos. Algumas questões ficaram pra mim. Por exemplo: por que o BOCA foi discutido numa Congregação (ou Segregação para alguns que preferem?) Fiquei me perguntando quando teria sido a última vez que uma pauta estudantil foi discutida na Congregação? O Banco Social de Serviços em Psicologia foi discutido nesse espaço? A Luta Antimanicomial? Talvez a

descriminalização da maconha? Ou a união civil entre pessoas do mesmo sexo?* Não obtive respostas... Deixo claro que ao meu ver discutir o BOCA na Congregação não é ruim, como coloquei neste espaço. Mas, deliberar? Passar por cima de uma carta propondo um espaço mais amplo para esse debate? Ignorar um encaminhamento feito por um estudante? Muitas questões...

Não sou partidária da neutralidade, pois não acredito nela! Acredito sim no debate e na construção coletiva. Acho que o BOCA pode melhorar muito e acho que esse é o momento para essa discussão. Somos agentes da nossa formação e da nossa transformação. E não seres sem luz a espera de um caminho.

É nesse sentido que recupero a frase do estudante Jonas Boni, onde ele coloca que a grande questão é a função que exerceremos como estudantes de psicologia e a nossa futura prática profissional frente ao mundo.

Acho que o debate não deve se pautar pelo bom senso, devemos sim pensar qual é a função do Boca. Assim como devemos pensar qual é a nossa função na sociedade. Qual o sentido de estarmos numa Universidade Pública.

Deixo claro que não compartilho com a idéia de um conselho editorial que seleciona os textos, mas sim que os discute e coloca posições confrontantes. Acho ruim o BOCA ser um fotografia de sei lá o quê. Devemos pensar em cada BOCA como uma unidade. E não como um e-groups. Proporcionar e ampliar o debate. Falta um pouco a cara da comissão organizadora. O que pensa quem "organiza esse jornal?" Concorda com tudo que está sendo colocado? Isso era claro quando o BOCA era um jornal do Centro Acadêmico, mas e agora? Enfim, fica aqui algumas das minhas considerações descartáveis sobre o BOCA.

* algumas discussões que pautam o movimento nacional de psicologia.

SOBRE UM ATENTADO POÉTICO

- pausa -
brumas
desentendimentos devido à quebra
confusão -
- fusão de boatos
um impasse e uma confissão
dado que nunca tivemos contato anteriormente...
bom senso X senso comum?

se o bom senso de cada um se constitui numa verdade que é fruto de um ato de violência, insisto que devemos então deixá-lo de lado e buscar um senso comum que é criação contínua.
construção permanentemente a se erguer nos pilares das relações entre os sujeitos, não uma proposição imposição reposição deposição de um sujeito único ou cúpula de sujeitos únicos num centro que irradia redes de poder e de conhecimento e, pela saturação destas, instaura a Idéia, como uma bactéria instala seu código genético em sua célula hospedeira e a partir daí garantiu a sua continuação. acredito que é ingenuidade pensar que uma transmissão vertical, de cima para baixo, de definições conceituais tão relativas quanto questionáveis como o

que é baixaria e poesia, por exemplo, escorre e se processa por osmose em nós, estudantes de psicologia. se estudamos é porque pensamos, se pensamos é porque não obedecemos. estamos aqui para nos preparar para não sermos ludibriados pelas ilusões que se consome todo dia nos consumem. não para sermos especialistas que reproduzem estes mesmos conceitos tornando-se assim aptos a definir o que é poesia e baixaria, por exemplo. somos todos autores aqui, mas isso não dá a ninguém a autoridade da violência. a única maneira de se evitar um desastre neste conflito é a cooperação e a ação conjunta daqueles que se incomodam. dos que prestam atenção à tensão. entre eles, o diálogo e não o monólogo.

o jornal realmente não tinha uma qualidade elevada tanto esteticamente quanto a respeito de seu conteúdo, que raras (e excelentes) vezes escapava da regularidade de poemas ruins, novelas superficiais e artigos que de nada ganhavam ânimo para deixarem de ser apenas pa-

lavras tingidas em uma tela para serem sopradas a viver entre nós como entidades ativas de comunicação e questionamento. (isso tudo talvez já se enquadrasse em irresponsabilidade social para com o dinheiro público?) as duas vezes, pelo que consigo me lembrar, em que o jornal assumiu uma função realmente crítica e comunitária foram no ano passado com reflexões sobre a matéria Etologia e seu modo de administração e a atual discussão metalinguística sobre o próprio periódico. as duas situações se operaram por explosões sucessivas que se mostraram energicamente capazes de suspender o impotente conformismo ao engajar e motivar uma verdadeira tensão que não mais poderia ser ignorada. ferramenta de acesso ao poder que se constitui num simples pedaço de papel.

um zumbido contínuo
o incômodo de ter de se retirar de onde se estava
acomodado.
só quando nos desviamos da concentração e de sua inevitável nulidade é que encontramos a atenção necessária para perceber e conhecer o mundo.

(Continuação)

um ataque. não um ataque às pessoas mas às coisas que se criam nas pessoas. à sua cegueira. à ignorância obscura e ociosa. um ataque ao conformismo vigente e autoritário que evita olhar todas as obscenidades (porque, sejamos sinceros, quantas imoralidades e desrespeitos criminosos passam por nossas retinas todos os dias e sabemos o quanto são obscenas e nada fazemos?) que nos circulam como vitrines açucaradas e que somos ensinados desde criança a não aceitar pois são de estranhos. não são, são de todos nós, e, a partir de agora, num sentido muito especial porque se as aceitamos ignorando-as, delas somos cúmplices.

agressivo? sim mas não mais que a monstruosa maioria dos artigos que afundaram a discussão sobre o periódico. um campo de batalha aberto para discursos ofensivos e agressivos mas desde que charmosamente mascarados numa atmosfera respirável, ainda que perfume francês falsificado, o suficiente

acredito que meu poema teve essa repercussão porque a agressão não se apresentou numa forma padronizada como os outros. ao invés de cinco mil palavras, seis. no lugar da linguagem culta acadêmica e escravista, a linguagem popular, usada pela ralé e por alguns tantos autores que não se (re)conhece. reconheço que recuso as formalidades, prefiro a poesia.

esse é o poder mais interessante de um poema, seu potencial incendiário. um quase feitoço. exercício de eficácia simbólica.

definitivamente, meu poema não é o começo de algo, mas a ponta do fio de uma bola de lã que há muito se enrola e que de vez em quando se engasga como um gato engasga uma bola de pêlo. só uma tosse expele a bola e acaba com o silêncio num grito cortante e afiado. vamos deixar o silêncio para o bichano em paz? a solução não pode continuar a ser um xarope que se toma para calar a voz. o verbo e o grito num encontro a sós.

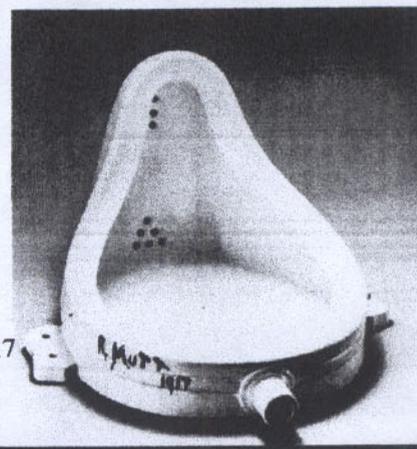
Atenciosamente, *Daniel C. Avila (04)*

enviado por *Bosco (05)*

“É, portanto, motivo de alegria para todos os alunos e alunas, bem como para os dirigentes atuais do CAII e seus ex-dirigentes que afinal a Diretora Maria Helena Patto tenha entregue à comunidade os referidos banheiros devidamente restaurados.” José Israel em 27 / 04.

É verdade, obrigado! Nada como uma boa mijada!

Marcel Duchamp, A Fonte, 1917



Pequeno comentário sobre as sugestões recebidas pela Rádio Livre Alice, em Bolo-nha. Da qual fez parte Guatarri.

Letícia Carvalho (01)

“Amamos vocês. Estamos com vocês do fundo do coração e isto nos dá o direito de ficar de olho em vocês. Vocês têm do melhor e do pior, e vocês devem fazer a triagem. É certo que não poderíamos deixar de perdoá-los pela desorganização atual, e é preciso reconhecer que muitos de vocês foram levados à exasperação! Mas, o nosso dever é dizer: mantenha seu sangue frio, não ultrapassem um certo limite. Pensem que estamos em crise, pensem nas ameaças

fascistas. Em suma, pensem como nós pensamos! Vocês dizem às vezes coisas maravilhosas, mas freqüentemente vocês caem na confusão, na banalidade, na obscenidade gratuita, não estética. Re-componham-se, sejam aquilo que, no fundo, vocês nunca deixaram de ser: crianças levadas!”

Félix Guatarri, Milhões e milhões de Alices no ar, in: *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*, Editora Brasiliense.

Notas Diversas José Israel (01)

FESTA JUNINA NA PSICO-USP, EM 01.07.05

Estão ocorrendo os ensaios para a Quadrilha Junina com os casais inscritos com o Bossi. O próximo está marcado para a quarta-feira, 08.06.05, entre 13h e 13h30min, na entrada do Bloco F ao som de um CD de músicas juninas. Haverá mais de uma quadrilha pois há interesse do pessoal do Cursinho PSICO-USP em organizar isso. O Cursinho entrou na Comissão Organizadora da FESTA JUNINA e o seu pessoal promete trazer muita animação para o evento.

Repetindo os informes da reunião de 13.05.05: “A Comissão Organizadora da Festa Junina ao acatar sugestões de diversos interessados em colaborar para a organização e também participar da Festa, decidiu que não mais será solicitado contribuição monetária dos casais interessados em dançar a Quadrilha Junina, embora, evidentemente, continue sendo bem vinda qualquer doação em dinheiro ou em bebidas/alimentos juninos para maior animação dos festeiros.”

Continua prevista a venda de churrasco em espeto, cachorro quente, cerveja e quantão a preços módicos, a ser feita em barracas da Atlética Busilis, dos alunos, do Grêmio Recreativo dos funcionários, do Cursinho PSICO-USP, bem como a realização de gincanas, bingo e as danças de Quadrilha Junina. A abertura da Festa

Junina está programada para às 10h da sexta-feira, com brincadeiras para as crianças dos funcionários/alunos e deverá continuar por todo o dia até a noite.

VIVA Santo Antônio! VIVA São João e VIVA São Pedro!!!

A EQUIPE DE XADREZ NO X INTERPSICO EM TATUÍ

A equipe da PSICO-USP, inscrita pela Atlética Busilis para os jogos do X INTERPSICO EM TATUÍ, foi composta pelos titulares: RAFAEL (LACRAIA), LUIZ MORENO (04) E PAULO (01), e pelo MARCOS GORENSTEIN (03), reserva. Participaram dos jogos sete equipes. A equipe da USP-SP, cabeça de chave, jogou com o Mackenzie e com a PUC-SP.

Os resultados: a USP-SP ganhou do Mackenzie e perdeu para a PUC-SP, ficando como VICE-CAMPEÃ. A PUC-SP obteve seu primeiro título de campeã nos últimos oito anos. A USP-SP é heptacampeã.

Jogaram pela USP-SP: RAFAEL (LACRAIA): ganhou com o MAC e perdeu com a PUC-SP. LUIZ MORENO (04): perdeu com o MAC e ganhou com a PUC-SP. MARCOS GORENSTEIN (03): ganhou com o MAC. PAULO (01): perdeu para o mestre em xadrez da PUC-SP.

CAMUFLAGEM

PAULO CÉSAR DE PAIVA

Técnico Administrativo - IPUSP - CAP - Bloco D

Camuflar: do Fr. *camouflage* v. t., disfarçar, encobrir, esconder. Disfarçar sobre falsa aparência.

Caro Jonas Boni, achei seu texto (A função do BOCA e a Psicologia da "Camuflagem") controverso demais, inclusive a tradução de camuflagem parece estar camuflada, além disso ou eu não soube interpretar ou você quis dizer que ler frivolidade é importante para a formação dos psicólogos. Tudo bem, provavelmente eu não tenha atingido seu nível de reflexão.

No entanto, como você fala no texto em reflexo do amanhã e postura no mundo e para tentar entender qual a sua (e dos demais leitores, escritores e editores que restaram), deixo os seguintes questionamentos? Cabendo-nos, transformar! aceitar! discutir! impor! tolerar! ou nos esconder e mesmo assim continuarmos existindo!

1º) O BOCA poderia ficar a disposição de todos usuários que são atendidos no CAP - Centro de Atendimento Psicológico - Bloco D - e demais público externo, ou sua distribuição deve ficar restrita à comunidade Ipuspiana? Se sim ou se não, porque? E esperamos que a(s) resposta(s) leve em conta entre outros, mas principalmente os textos do Zíliodinossauro e a frase do Daniel Avila, a qual achei melhor nem comentar.

2º) Greve de funcionários da USP, e a afirmação do Sr. Zílio no 17º parágrafo do texto que saiu no BOCA (O que não apareceu no texto sobre o Curso como Desencadeador de Sofrimento

3º) Qual deve ser nossa postura diante do texto abaixo que recebi pela internet?

IMPOSTOS Começou a percorrer o país, na semana passada, uma notável lição de cidadania. É uma exposição, em praça pública, de uma série de produtos, na qual uma só idéia está à venda: a de que o consumidor não sabe quanto deixa para o governo ao comprar qual quer coisa de um automóvel a um chiclete.

Ao analisar as placas com porcentagens grudadas em cada produto, o visitante da exposição saberá, por exemplo, que, ao adquirir um carro de mil cilindradas, terá deixado 44% para o po-

der público. Cada vez que enche o tanque com gasolina, são mais 53% em impostos.

Os organizadores dessa experiência, exibida no centro de São Paulo, apostam no seguinte: quando o consumidor, de fato, souber quanto o governo lhe tira diariamente, haverá mais pressão para que melhore o desempenho da administração pública.

Essa exposição é um detalhe pedagógico de um crescente movimento no país. Está em gestação uma rebelião", afirma Gilberto Luiz do Amaral, advogado especialista em impostos, presidente do Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário.

A semana passada deu sinais de que há algo novo nascendo no país: uma inconformidade crescente, que envolve líderes empresariais, dirigentes de trabalhadores e classe média, todos contra a carga de impostos. Sindicalistas foram a Brasília para pedir ao governo que baixasse impostos e, assim, ajudasse os empresários a criar mais empregos - assim seria possível, segundo eles, viabilizar o pedido de redução da jornada de trabalho sem diminuição dos rendimentos dos empregados. Embute-se aí a percepção dos trabalhadores de que mais impostos significam menos empregos, o que vai muito além de reivindicações corporativas. Diante da gritaria geral, o presidente Lula, na terça-feira, cedeu às pressões e voltou atrás: não vai mais aumentar a contribuição previdenciária. Na sexta-feira, o ministro da Fazenda, Antônio Palocci, anunciou um pacote que, supostamente, diminuirá em R\$ 2,5 bilhões a carga tributária. Talvez sirva para aliviar o crescente desconforto da opinião pública em relação à voracidade fiscal da gestão Lula. Prepare-se: é apenas o começo!

A experiência do Feirão dos Impostos é apenas um ínfimo detalhe pedagógico no panorama de uma rebelião que, silenciosamente, sem manifesto nem porta-voz, vem sendo feita pelas centenas de milhares de pessoas que optam pela informalidade, ou seja, pela clandestinidade.

Uma coisa é os jornais informarem que, em 1988, a carga tributária representava 22% do PIB e agora representa 40% - o que é algo incompreensível para o cidadão comum. Outra é saber que isso custa, por ano, cerca de R\$ 212 bilhões. E mais: saber que cada brasileiro trabalha quatro meses e 18 dias só para manter os governos. Mais ainda: saber que a carga de impostos dificulta a geração de empregos e, conseqüentemente, inibe os aumentos salariais.

Trabalha-se cada vez mais para manter os governos. E cada vez mais para comprar os serviços privados que, em tese, deveriam ser públicos. Está nisso a essência da rebelião.

Não está faltando muito para o indivíduo, ao comprar uma barra de chocolate, saber quanto está deixando para o poder público. E, ao sair do supermercado, irritar-se ainda mais ao ver o buraco da rua ou a criança abandonada pedindo dinheiro no semáforo.

Se cada cidadão soubesse que, por ano, dá quatro meses e 18 dias em impostos e ainda recebe tão pouco de volta - e não se esquecesse dessa conta, seria natural que a pressão pela eficiência pública fosse ainda maior. E a capacidade dos governantes de tentar tirar mais dinheiro, menor. Para desespero dos poderosos, o que está em jogo é simples. É justamente o que se vê na experiência da exposição, em praça pública, de produtos, digamos, pedagógicos. À medida que a democracia se aprofunda, o cidadão vai conhecendo mais seus direitos.

Não dá para o governante confiar por muito tempo mais na ignorância de quem, além de trabalhar tanto e cada mais vez para sustenta-lo, ainda recebe pouco. Está em construção uma nova agenda brasileira, na qual o desempenho do governante será medido pela eficiência administrativa combinada com o respeito ao contribuinte. Ou seja, gastar melhor com menos dinheiro.

Gilberto Dimenstein

O que a Patto não sabia.

Diego Caleiro (05)

Estou tentando me manter por dentro das discussões sobre o boca, e para esse boca especial, tento relatar algumas informações que, ao analisar pelo discurso na reunião da congregação, a Patto não sabia. Tomara que isso desfaga desentendimentos, mais do que crie novos.

1 Não estamos tentando criar um jornal pornográfico.

2 Não seria publicado um artigo sobre pedofilia no BOCA.

3 Não existe uma rixa entre as pessoas do CA e da CO do BOCA, ao menos no olhar de um observador que vem acompanhando as últimas vezes que se reuniram e conversa com pessoas de ambos os grupos.

4 Não estamos desejando criar uma guerra, queremos evitar desentendimentos maiores, e manter a liberdade do nosso jornal.

5 O Zílio não tem poder enorme sobre o instituto.

6 Não existe uma conspiração, seja de poucos, seja de todos os alunos, contra o instituto ou contra a diretoria.

7 Não necessariamente o discurso de um aluno é mais válido do que o de outro por ele ser mais velho.

8 A responsabilidade jurídica pelo BOCA e seu conteúdo é do CA, e, se ela se sente responsabilizada pois o nome do instituto vai no jornal, é preferível retirar o nome do instituto a permitir que a diretoria legisle, a partir de suas próprias convicções, um jornal que é de administração do CA.

9 É importante manter um diálogo aberto com os alunos, para que, por exemplo, não ocorram desentendimentos como esses oito anteriores, em função do que aparentemente foi a escolha da diretoria de dar total crédito à voz de um aluno sem antes consultar os demais sobre a veracidade do que ele dizia.

De agora em diante me atenho a considerações mais pessoais, mas que ainda são coisas que a Patto não sabia.

10 Qualquer argumento que pressuponha que alguém tem algo a dizer que tenha mais validade do que outra

pessoa tem é, necessariamente um argumento autoritário. A pressuposição da existência de uma autoridade implica em autoritarismo.

11 Qualquer argumento baseado na autoridade, é não no próprio argumento, é irreal, pois sempre haverá autoridades contrárias a serem encontradas.

12 Não existe um indivíduo que tem o direito absoluto de diferenciar o que é baixaria do que é pornografia, e definitivamente não há nenhum motivo para discernir esses dois termos que não seja um argumento moral.

13 Não existe nenhum argumento que não seja moral para diferenciar os poemas do Matsumoto do texto do Daniel. Ambos são não acadêmicos, ambos tem a ver com aspectos da psicologia humana, ambos têm coisas a nos ensinar, e, definitivamente, ambos podem fazer algumas pessoas se sentirem pessoalmente ofendidas. E seria injusto que apenas um desses grupos de pessoas tivesse o privilégio de escolher qual dos textos não poderá ser publicado.

14 Qualquer argumento moral é baseado na falsa premissa de que existe uma autoridade que pode emitir uma verdade a respeito de um tema. Qualquer argumento de autoridade é irreal, portanto, qualquer argumento moral é uma ofensa a uma mente livre, e uma ofensa a liberdade acadêmica.

15 O mundo seria um lugar melhor se houvesse liberdade para se falar sobre todos os assuntos livremente, inclusive sobre pizza, sexo, e bolas de gude. Principalmente num jornal de psicologia, e considero realmente perigoso que psicólogos queiram restringir justamente um tema que tanto tem a ver com a condição humana quanto o sexo, ou o linguajar xulo.

16 Existem pacientes que lêem o jornal, e, se eles foram estuprados, não vão querer ler sobre sexo, se foram esfaqueados, não vão querer ler sobre facas, se são órfãos, não vão querer ler sobre amor aos pais, ou ódio aos pais. São temas chocantes e polêmicos para

eles, e não há porque dar mais importância aos que não querem ver sexo, do que os que não querem ver uma infância dolorida. Mais uma vez, o único motivo para diferenciar é moral, e portanto, autoritário. Além do que, proibir só os textos sexuais não cumpriria o propósito de evitar sofrimento à todos eles. Só satisfaria os professores moralistas.

17 O BOCA é um veículo dos alunos, prioritariamente para os alunos e professores. Os alunos e professores desse instituto, como percebi na congregação, precisam urgentemente entrar em contato com textos como "bom senso de cu é rola", com textos que falem sobre sexo sem constrangimento, que falem sobre o que interessar aos seus autores. Não existe pequenez mental maior, da parte de um psicólogo, do que reprimir justo aquilo que ele mesmo mais precisa ouvir, justo aquilo que faz a nossa sociedade ser essa coisa doentia que ela é, e que, se fosse assunto corrente e livre, nos tornaria sem dúvida pessoas melhores. Por isso, é melhor que o BOCA não seja publicado aonde pode ser lido por pacientes que se sentiriam mal com seu conteúdo do que que seu conteúdo seja restrito justamente no momento em que ele parece finalmente cumprir aquilo que entendendo como sua função, que é ajudar a mudar as cabeças do instituto para algo que a sociedade precisa, e formar, ou reformar, melhores psicólogos.

DISSERTAÇÕES E TESES

Colaboração de Islaine (Funcionária do IPUSP)
Enviado por José Israel (01)

CANDIDATO: PABLO DE CARVALHO GODOY CASTANHO

Título da Dissertação: "ENTRE LÍNGUAS E AFETOS: UMA INVESTIGAÇÃO PSICANALÍTICA DA LÍNGUA EM GRUPOS MULTILÍNGÜES"
Orientadora: Profª Associada MARIA INÊS ASSUMÇÃO FERNANDES - Psicologia Social - IPUSP

Defesa Pública: 10 de junho de 2005 às 15:00h Local: Anfiteatro do IPUSP

CANDIDATA: ISABEL MARIA FARIAS FERNANDES DE OLIVEIRA

Título da Tese: "A PSICOLOGIA NO SISTEMA DE SAÚDE PÚBLICA: DIAGNÓSTICO E PERSPECTIVAS" -

Orientadora: Profª Drª ELISA MARIA PARAHYBA CAMPOS - Psicologia Clínica - IPUSP

Defesa Pública: 10.06.05, às 14h. Local: Sala 20 do Bloco Didático do IPUSP

A Eutopia de Meu Pai

(Fatos reais) Diego Caleiro (05)

Esse texto deve ser lido como uma resposta ao José Israel e ao Ricardo, ao primeiro pelo descaso que concedeu a palavra ânus, ao discutir a função do Boca, e ao segundo para mostrar como conceitos talvez nem tão obviamente úteis para a psicologia acadêmica podem mudar a constituição psicológica de um indivíduo, no caso, eu.

Os trechos que aqui publico foram escritos pelo meu pai, quando eu era bem mas bem pequenininho mesmo, eu estava aprendendo as palavras... que saudades hehe.... eu adorava as histórias do meu pai...

O Cuzão

“Ontem à noite passou por aqui o cuzão. Ele me perguntou onde estava o Diego e, como lhe disse que o Di estava dormindo, ele me pediu para perguntar lhe porque tem falado tanto o seu nome “cuzão”. Perguntou também porque ele também gostava de falar os nomes de seus primos o bundão, o pinto duro, o pinto mole, o bunda mole e toda a família dêle. [...]

O cuzão me explicou então porque ele tinha vindo procurar o Diego para perguntar isto. É que, conforme ele me explicou, algumas palavras significam alguma coisa mas na medida em que as pessoas vão usando estas palavras seu significado pode ir mudando e muitas vezes elas passam a ser exatamente o contrário do que eram.

O cuzão explicou que não queria que seu significado mudasse e que apesar de muita gente achar que cú é uma coisa feia ele não se achava feio e queria explicar isto para o Diego.

Começou explicando que cú era uma parte do corpo do homem e da mulher como qualquer outra, como por exemplo, o nariz, o cotovelo, o joelho, o estômago, o coração etc... Acontece que algumas pessoas estavam querendo fazer as outras pensarem que ele era uma parte menos importante do corpo. Ele e sua família; a bunda, o pinto, o saco etc... Explicou que a bunda servia para sentar e que era também uma forma do corpo reservar energias estocando-as na bun-

da em forma de gorduras. Contou que o pinto e o saco eram muito importantes para o nascimento das crianças pois o pinto era quem colocava a sementinha dentro da mãe para começar uma criança e que o saco era quem fazia a sementinha. Assim todos eram importantes mas o que eu mais gostei mesmo foi da estória do cú. Vou contar agora para o Diego do mesmo jeito que o cuzão me contou.

Um dia todas as partes do corpo começaram a brigar [...]

De uma forma ou de outra cada parte do corpo achava uma razão para ser a chefe ou o chefe do corpo. Parece que nenhuma delas tinha sabedoria suficiente para perceber que o importante era o conjunto, o corpo inteiro e não apenas uma ou outra parte dêle.

Mas o cú, que todos já estavam chamando de cuzão para mostrar que ele era um bobão, porque não queria ser o chefe, resolveu com toda sua sabedoria mostrar que o que era de fato importante naquele assunto, bem como em vários outros, era o conjunto, o todo. [...]

Como ninguém queria escutar o que ele dizia resolveu mostrar a seu modo. Parou de cagar! (de fazer cocô). No primeiro dia ninguém deu muita importância mas na medida em que o tempo foi passando as coisas mudaram. [...]

Logo a cabeça já não conseguia pensar direito e as pernas não sabiam para onde ir. As mãos então não serviam para nada além de segurar a barriga que estava doída de vontade de fazer cocô. Mas o cú não mudava de opinião. Ele queria mostrar de uma vez por todas que era bobagem querer ser o mais importante e que para o corpo era importante que cada um fizesse a sua parte. Agora ninguém mais o chamava de cuzão. Todos sabiam sua importância e todos reconheceram também sua sabedoria.

Depois de três dias [...] o cú resolveu cagar. Foi um alívio geral e logo depois as coisas começaram a funcionar normalmente. Todos queriam que o cú fosse o chefe mas ele sabia que isto não

era bom. Ele não podia fazer as coisas que as outras partes faziam e sabia também que se tudo não fosse bem ele também poderia morrer junto com seu dono.

Quando todas as partes entenderam isto não houve mais nenhuma disputa e o todo, o homem viveu com muito mais saúde e força. Esta estória tinha mostrado a todos quanto cada um é importante e tinha mostrado também que às vezes é preciso que alguém assuma a função de chefe para mostrar aos outros que rumos tomar e depois voltar a situação normal. [...]

Ele me pediu para dizer ao Diego que estas estórias que seu pai conta são muito legais e que ajudam muito o Diego a pensar e que quando ele for grande ele poderá ser chefe de homens. Se ele quiser!!!”

Tomara que o Boca continue livre para que eu fale em caralhos e sexo, não porque eu desejo provocar as pessoas, mas simplesmente para passar a diante a mensagem de meu pai, de que caralhos e sexo e trens e aviões e bucetas e pizza são parte da nossa vida, e é absurdo, para não dizer imbecil, achar que devemos ou não proibir ou salientar uma delas em detrimento de outras. A vida é grande e bela demais para ficarmos nos reprimindo, soltem a franga, e que o Boca, o Anus, e o Umbigo estejam com vocês. Paz.

Eis a Função do Boca

Comissão de Formatura 2001

Olá!

(Naná, 01).

Pessoal, o quinto ano está rifando uma cesta do Dia dos Namorados nos próximos dias.

Na cesta tem uma champagne, duas taças, chocolates, pães de mel, doce de leite, leite condensado, amendoim, camisinhas, lubrificantes, sais de banho, óleos para massagem e vale desconto em motel.

Cada rifa custa R\$1,00!

O sorteio será no dia 08/06, ao meio-dia no CAII.

A rifa é para colaborar com a arrecadação de fundos para a Formatura do Quinto Ano.

Obrigada!

Comissão de Formatura

X InterPsico!

A.A.A. Busilis

Olá pessoas! Foi-se o feriado e junto com ele um dos eventos mais aguardados pela Psico, o InterPsico. Poucos são os acontecimentos que mobilizam tantas pessoas como o Inter: este ano cerca de 1300 pessoas participaram, sendo que 180 delas eram da Psico USP.

Esse Inter foi um sucesso absoluto! Quem se deixou levar pelos problemas do Inter em Pinhalzinho perdeu um grande evento! Para começar a cidade era perfeita para a realização dos jogos: todos eles aconteceram nos ginásios e na piscina de um clube da cidade, que ficava exatamente em frente ao campo; ou seja, toda a galera ficava junta o tempo todo! Os alojamentos ficavam no máximo a dez minutos de caminhada... Uma estrutura muito boa! As baladas aconteceram em um casarão enorme, com um lago lindo na frente.

Mas vamos aos acontecimentos mais marcantes. O primeiro deles foi uma semifinal contra o Mackenzie no futsal masculino. Eletrozante! Começamos o jogo na frente e seguramos até o meio do segundo tempo quando o Mack empatou. A partir daí o jogo foi sofrido: os dois times indo pra cima, disputando cada bola! Mas não deu, o Mackenzie marcou um gol. Mesmo com um jogador a menos e atrás no placar, o time não desistiu e foi pra cima dos adversários. No final das contas o que faltou foi sorte: depois de três bolas na trave o jogo acabou 2 a 1 pra eles. Mesmo assim foi um jogão!

Outra coisa marcante foi a natação! Para a surpresa de todos a equipe masculina foi muito bem e ganhou o primeiro lugar geral! Teve medalha de ouro em todos os estilos. Até o pato nadou! E isso já virou tradição, e uma das mais esperadas e engraçadas! As meninas fi-

caram com o segundo lugar na classificação geral perdendo pro Mackenzie. Ainda assim, ótimas participações das meninas: a Lígia "que nada" ganhou as três provas que nadou (livre, borboleta e costas) e a Carina (04) ficou em terceiro lugar no peito! Na classificação geral, ganhamos o troféu de campeões da natação. Parabéns a todos que encararam a água mega gelada de Tatuí!

Logo depois teve um dos jogos mais tensos de todo o campeonato: semifinal do vôlei masculino, Psico USP contra o Mackenzie. Foi animal! Ganhamos o primeiro set com certa facilidade, já o segundo teve uma série de erros do nosso time, seguida de uma recuperação incrível, mas mesmo assim o Mackenzie fechou o set. A partida foi decidida no tie break, disputadíssimo, ponto a ponto, para desespero da torcida e da treinadora! Ganhamos!!! Chupa Mackenzie!!! Quando o jogo enfim acabou foi uma grande comemoração de todas as facultades que assistiam! No dia seguinte, na final contra a PUC - SP e contra o cansaço, os meninos venceram por 3 sets a 0, garantindo assim o bicampeonato!!!

A final de futsal feminino, mais uma vez contra o Mackenzie, também foi emocionante! Decidida na prorrogação perdemos de 2 a 1. Além desses jogos, outros como a semifinal conta a Metodista e a final contra o Mackenzie do handball masculino foram disputadíssimos, além do jogo de basquete masculino, decidido por uma cesta de diferença. E por falar em basquete, a grande surpresa desse Inter foi o basquete feminino: com um time que nunca havia treinado, formado por algumas meninas que nem sabiam que tinham o dom para o esporte e por outras que sabiam MUITO bem o que estavam fazendo (sim, estamos

falando da Mari (05) que jogou um absurdo!), o time levou o campeonato em cima da PUC-SP em um jogo emocionante! Foi a primeira medalha de ouro que um time feminino da Psico-USP ganhou em um esporte coletivo no Inter!

O resumo da ópera é que os jogos foram bem tensos! A torcida passou mal de nervoso! Bem, é justamente isso que fazem os jogos serem legais... No final das contas as classificações foram as seguintes: Vôlei Masculino campeão, Vôlei Feminino 4º lugar, Basquete Masculino 4º colocado, o Feminino campeão; o Handball ficou em 3º com as meninas e em 2º com os meninos; o Futsal Masculino infelizmente terminou a competição em 6º, já o Feminino pegou o vice campeonato; o Futebol de Campo terminou em 4º, o Xadrez ganhou o vice campeonato (com destaque para os novos meninos que jogaram: Marcos G. (03) e Luís Moreno (02)!); o Truco acabou em 6º lugar e o Mata-Mata, como sempre, não decepcionou, pegamos o 1º lugar com a Lívia e o Ivan, e o 3º, com a Bárbara e o Marcio! O Tênis de Mesa Feminino ficou em 3º lugar, perdendo na semi para o Mack, e o Masculino foi campeão com Guará(02) e Felipe(02). Parabéns às duplas!

O Campeão geral foi o Mackenzie. Nós ficamos com o vice-Campeonato, nove pontos atrás deles, mas ano que vem a gente se vinga! A PUC-SP ficou com o terceiro lugar.

Por fim, a Atlético gostaria de agradecer a todas as pessoas que participaram deste Inter e fizeram dele uma grande festa! Obrigado aos atletas de todas as modalidades, aos técnicos, à torcida, à Bateria, ao Psicopato (que agora é pop star e saiu até no jornal do campus!), e à organização, é claro! Até o ano que vem...

A Comissão Organizadora do BOCA tem a satisfação de trazer para este Espaço – que atualmente anda em pauta em muitas das discussões que acontecem aqui no IP – justamente para resgatar sua memória, textos extraídos do arquivo do Centro Acadêmico que contam as histórias e as origens deste nosso jornal; bem como as contribuições metalingüísticas enviadas por membros da comunidade ipuspiana.

Pensamos que este BOCA poderia ser, para todos nós, um exercício de reflexão do que é (e o que pretende) o nosso principal veículo de comunicação dentro do Instituto.

Aproveitamos para lembrar a todos que no próximo dia 20 (segunda-feira) haverá uma discussão entre alunos, professores e funcionários, para (re)construirmos juntos este Boletim, e que a presença de todos os interessados é fundamental.



PORQUÊ

De onde vieram eles
E o que consigo trouxeram
Suas tristes e duras peles
Idéias e mitos abandonaram

Não há mais o que esquecer
Ababou-se o lembrar
Sobrou somente o ser
Um único calabar

Gemido e torturante
Incomoda a mentira
Do frio e sincero amante
Que ao sangue traíra

Nada acabou naquele dia
Nunca havia nada começado
Era a ilusão que temia
Era a marca do pecado

Perdoa-te lindas mãos
Elas não sabem o que fazem
Não veem a solidão
Só querem o que trazem

É tudo medíocre
E cada vez mais belo
Roto pintado de ocre
Orgulho em seu castelo

FILOSOFIA: "o igual nunca é igual"

PSICOLOGIA: "personalidade do tipo:
pão pão, pedra pedra"

"é preciso sonhar com
os pés no chão"

Experimental: "você se casa prefe-
rencialmente com pes-
soas que moram até
hum (1) quarteirão
de sua casa"

PSICANÁLISE: "A Psicanálise atual-
mente está muito
difudida (sic) "

"Complementar a aná-
lise com leitura"

A PERGUNTA: "Você tem carteirinha
de professora??"
à Tânia Tsu

ESQUERDISMOS: "Os pacientes terminais
em Cuba, apesar de seu
materialismo se preocu-
pam com sua própria
morte "

"Acho que uma casa para
a família brasileira
tem que ter no mínimo
sala, cozinha, banheiro
um quarto para o casal,
um para o menino e um
para a menina" (sobre
casas populares)

TRATAMENTO: "Ô Nega" de Professora para
caloura

OUTRAS: "A última coisa que eu faria na
vida seria me suicidar"

"Se ela era tão inteligente assim
porque trabalhava de empregada "
doméstica"



MAIO 88 - Nº 5

Editorial

PSICO: BOCA CHEIO

Chegamos ao nº 5 deste boletim e pa-
rece que a idéia pegou. Em volume o
BOCA vem crescendo de mês a mês, em
termos não só de artigos e "informa-
ções", mas também quanto ao número de
pessoas envolvidas na elaboração do
mesmo.

O que se reflete no BOCA é uma efer-
vescência que parece atingir uma signi-
ficativa parcela de alunos. São diver-
sas comissões trabalhando em "Semana
de Psicologia", Revista, Viagem a Ar-
gentina, ENEP. Enfim, há alunos, fora
da Diretoria do C.A., organizando ati-
vidades, mexendo com a escola.

Para completar nos dias 24 e 25 desse
mês teremos eleição para a nova Dire-
toria do C.A. (Ah, e da Atlético). As
inscrições estão abertas e logo, logo
teremos gente nova no pedaço.

Não esquecendo: ainda esse mês colta-
remos uma edição extra com um balanço